



O drama dos desaparecidos no Brasil

Quatro em cada dez são menores de idade. As principais causas são conflitos familiares, consumo de drogas, tráfico de seres humanos e tráfico de órgãos

Página 6

Quase 80% das adolescentes podem desenvolver anorexia ou bulimia, aponta Secretaria Estadual da Saúde

Página 8

Morte de abelhas pode gerar catástrofe ambiental

O uso inadequado de agrotóxicos reduziu o número de abelhas no mundo. Segundo relatório temático, as abelhas

contribuíram com 43 bilhões de reais para a economia no ano de 2018.

Página 9

Comida 'arretada de bão': conheça a influência da culinária nordestina

Página 11

Robôs são a nova tendência para atender a clientes

Página 10

NBB e a ascensão do novo basquete no Brasil

Página 12

A rua é o teto

Frio e falta de abrigo são problemas enfrentados pelos moradores de rua durante o inverno. Mais de 20 mil pessoas estão em situação de rua em SP

Página 4



O DESMONTE DA EDUCAÇÃO

O ano de 2018 foi marcado pelo embate, sobretudo ideológico. Com o processo eleitoral consolidado, em 2019 o país continuou dividido entre apoiadores e críticos do novo presidente. Nem mesmo o desmonte da educação - setor que deveria unir a todos - foi suficiente para aplacar o enxame de ódio nas ruas e nas redes digitais.

No dia 15 de maio, a Educação fez greve e foi às ruas de todos os Estados da federação e DF. Aproximadamente 1,5 milhão de estudantes e professores deram as mãos para reivindicar seus direitos. Era preciso dizer a todos que o congelamento de 30% das verbas para as universidades federais irá afetar o ensino, o aprendizado e, indubitavelmente, o futuro do país. São R\$1,7 bilhão a menos para o ensino superior público. Enquanto os protestos ocorriam, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, era sabatinado na Câmara dos Deputados e dizia que a prioridade eram os investimentos na educação básica e técnica. Contudo, R\$1,02 bilhão também foi congelado do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), autarquia que atende justamente o ensino básico. Ao todo, a pasta do Ministério da Educação irá contingenciar R\$5,8 bilhões.

O Brasil foi novamente às ruas em nome da Educação no dia 30 de maio e o movimento estudantil ganhou ainda mais força, lembrando

do as chamadas jornadas de junho de 2013. Pautas como a Reforma da Previdência e a influência desmedida de Olavo de Carvalho no governo Bolsonaro também apareceram nas demandas de trabalhadores e estudantes. Era preciso mostrar, para quem ainda duvidava, que o corte das bolsas de estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para os pesquisadores inviabiliza a pesquisa e a produção científica e, conseqüentemente, o desenvolvimento de tecnologias e medicamentos, entre tantas outras áreas. Vale lembrar que 95% da produção científica nacional é feita nas universidades públicas federais ou estaduais.

Desta forma, desenvolvimento social e econômico são resultados diretos de investimentos decentes em educação pública de qualidade. A agência Lupa apurou que, segundo o SCImago, portal de indicadores da produtividade científica mundial, o Brasil foi o 14º país que mais produziu artigos científicos no mundo em 2017. Toda uma nação fica doente quando o futuro é tão duramente ameaçado.

Aqui, no Jornal-laboratório Fapcomunica e na Fapcom, o compromisso é, e sempre será, com a manutenção da democracia, da educação de qualidade e dos direitos tão duramente conquistados.

A redação.

FAPCOMUNICA

ANO 6 - NÚMERO 12 - JUNHO DE 2019

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jakson Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coord. curso de Jornalismo: Profª. Krishma Carreira

Conselho Editorial:
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pe. Jakson Alencar
Pe. Valdecir Pereira Uveda
Profª. Krishma Carreira
Prof. Vanderlei Postigo
Profª. Lilian Crepaldi
Prof. Tiago Souza Machado Casado

Coord. de redação:
Profª. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão: Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do III Semestre do curso de Jornalismo (matutino e noturno)
Equipe de diagramação: alunos do V Semestre do curso de Jornalismo matutino

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 2.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Consumo de marmitas nas periferias

Segundo IBGE, número de pessoas que vendem marmitas chega a 485 mil

**MARIA VITÓRIA FREITAS
MONIQUE CAROLINE**

Na tentativa de se recolocar no mercado, Gisa Oliveira, 39, se encontrou. Após ter seu próprio salão de beleza e ter trabalhado em diversas áreas, decidiu criar o LevinhoFit. “Foram dias e noites pensando, até que de imediato achei que a solução seria fazer alguma coisa de comida para vender, já que o investimento é baixo e eu sempre gostei de cozinhar”, explica.

Foi com R\$200 no bolso e muita coragem ao sacolão comprar os primeiros ingredientes: produziu 20 marmitas e foi vender no horário de almoço junto com a filha em uma avenida movimentada de Interlagos. A atitude deu certo: o lucro foi o dobro do investimento em menos de duas horas.

Segundo a ABERC (Associação Brasileira das Empresas de Refeições Coletivas), o mercado de marmitas congeladas é o que mais cresce no setor de refeições. De acordo com o IBGE, o número de pessoas que vendem marmitas é de aproximadamente 485 mil.

A demanda de clientes de Gisa cresceu e, dentro do círculo de amizades, ela viu uma oportunidade para divulgar a



Arquivo pessoal

Prato preparado por Gisa Oliveira e que faz parte do cardápio do LevinhoFit

empresa nas redes. Conforme os pedidos cresciam, o marketing “boca a boca” surtiu efeito e a empreendedora criou opções fitness. Hoje, atende semanalmente mais de 150 clientes. A equipe é composta pela filha Luana Oliveira, que auxilia na produção, e a entregadora Luciana Martins.

Atualmente, Gisa tem uma renda que varia entre R\$5 e R\$7 mil por mês. “Trabalhando na minha casa e fazendo o que eu gosto, ainda tenho a alegria de receber mensagens dos clientes

elogiando minha comida e contando suas histórias do quanto comer bem tem feito a diferença na saúde e no bolso”, conta.

A maior parte dos clientes de Gisa são veganos e vegetarianos. A nutricionista Elaine Maruyama comenta sobre a prática estar se popularizando. “Nas quinzenas a quantidade já está porcionada e isso sem dúvida é benéfico”, explica.

Dentro das expectativas para o futuro, Gisa inclui a construção de uma cozinha profissional para ampliar a equipe e aten-

der mais clientes. “O principal é ter coragem para arriscar, pensamento positivo é a chave para fazer seu negócio acontecer! Você tem que acreditar no seu potencial e se for preciso passar noites em claro, passe! Todo o perrengue de um começo é aprendizado, mas se você persistir pode ter certeza que o sucesso te espera lá na frente”, recomenda.

O economista Carlos Alberto Sêga enfatiza a importância de buscar informação. “A gestão de negócios é muito importante

pois nela temos todo o conhecimento necessário de despesas e investimentos para expandir o negócio”, atesta. Ele cita o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), serviço social e sem fins lucrativos que auxilia empreendedores.

A venda de marmitas dentro das periferias ajuda a movimentar a economia e favorece a renda familiar. “Um negócio expandido requer a contratação de pessoas, então além das quinzenas serem divulgadas na região, o bairro dá apoio e desenvolve cada vez mais o produto”, explica o economista.

A alimentação e estilo de vida saudável que vem embutido na proposta das quinzenas visa alcançar a todos, então baratear o máximo essa alimentação é essencial. A nutricionista Elaine Maruyama vê nas marmitas um potencial para desconstruir o tabu de alimentação saudável só para quem tem mais recursos. “Na periferia as marmitas são compradas pela falta de tempo muitas vezes por conta do trabalho e tempo ocupado no transporte público, aliado ao valor que hoje em dia está acessível e a vontade de levar uma vida mais saudável”, finaliza.

Clubes de assinatura crescem no Brasil

Modelo de mercado movimentado
R\$ 1 bilhão por ano, segundo ABComm

**AMANDA ALVES COSTA
LETICIA LIMA SANTOS**

Os clubes são semelhantes a serviços já existentes como revistas e jornais. A novidade está na variedade de produtos que podem ser comercializados, como livros, produtos de beleza, brinquedos, bebidas, tabacaria, produtos para pets, entre outros. Um dos grandes diferenciais está na forma como esses produtos são comercializados, visando que a maioria já é vendida em lojas físicas, cada clube tem a sua proposta de valor específica, e a ideia é que esse valor seja viável ao público-alvo.

Gabriela Toledo, 25, é criadora de um clube de assinaturas em São Paulo. “A Xô TPM surgiu em 2016, quando eu percebi que o Instagram estava dominado por propaganda de um clube de assinaturas com snacks fit, e percebi que não havia nada no mercado que fosse voltado para

doces, guloseimas e gordices. Foi quando eu pensei em unir o fato de sofrer muito com TPM, e a falta de clubes de assinatura de doces no mercado e resolvi me arriscar”, conta.

Estima-se que mais de 800 empresas estão ativas nesse mercado. Em 2014, eram 300 empresas no Brasil, segundo a ABComm. Esse crescimento ocorre, principalmente, pelas mudanças de comportamento e consumo da sociedade, tem relevância na qualidade do produto e eficiência da empresa, a comunicação e a estratégia de marketing.

“Nós estamos em todas as redes sociais e temos o nosso site, mas sem dúvidas, o Instagram é a maior fonte

de tráfego e vendas em nosso site. Seja com os posts feitos por nós mesmo, ou as postagens de influenciadoras digitais, é através das redes sociais que vamos nos expandindo e sendo mais e mais conhecidos no meio”, completa.

“Nós estamos em todas as redes sociais e temos o nosso site, o Instagram é a maior fonte de tráfego e vendas em nosso site”

O avanço dos clubes de assinatura permitiu autonomia para jovens empreendedores conquistarem esse mercado. Para Gabriela, começar investindo pouco e depois ir desenvolvendo, foi fator chave para o sucesso. O retorno financeiro é a longo prazo e a curadoria é o segredo para manter o cliente, a atração na novidade que o produto dispõe, a facilidade do pagamento e principalmente a qualidade



Gabriela Toledo

dos produtos são os principais argumentos de quem contrata algum serviço de assinatura.

Iara Olliveira, 21, assinante de um clube de assinaturas de livros, relata que descobriu o clube por anúncios publicitários em redes sociais e se encantou pela forma como os livros são escolhidos todos os meses por escritores ou influenciadores digitais. “Sempre fui apaixonada por livros e assinar foi a melhor escolha que fiz. Eu sempre vi como se tivesse recebendo um presente mensalmente e não pagando por um serviço ou coisa do tipo. Esse é

o sentimento que tenho pelo clube, faz com que toda vez que eu comece a falar de livros entre no assunto o clube”, relata.

Para quem está pensando em investir em um clube de assinaturas, precisa conhecer realmente quem irá consumir o produto, e principalmente quais são os interesses e comportamento do público-alvo, pensando sempre em como manter a fidelidade de quem já contrata, e meios para atrair novos contratantes.

Moradores de rua enfrentam frio, fome e outros riscos

CHRISTIAN DINO
GUSTAVO AMORIM

A preocupação com o inverno cresce para a população de rua. As pessoas desabrigadas são as que mais sofrem durante o período. Por falta de censo mais recente, a Prefeitura de São Paulo estima hoje entre 20 e 25 mil moradores de rua, um aumento de 5 a 10 mil por ano. O último censo da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social feito em 2015 identificou na capital paulista 15.905 moradores de rua. Dentre eles, 8.570 foram acolhidos em abrigos, enquanto 7.335 ficaram na rua. Segundo Maria Eulina Hilsenbeck, ex-moradora de rua e fundadora do Clube de Mães do Brasil, que atende desabrigados no abrigo Castelinho em São Paulo, o censo só busca informação entre os abrigos que são mantidos pela Secretaria de Desenvolvimento Social.

Em 2017, Filipe Sabará, então secretário de Assistência e Desenvolvimento Social, afirmou, numa reportagem do jornal O Globo, a existência de 85 albergues na cidade. O último relatório do mesmo órgão, divulgado no portal em abril de 2019, informa ter criado mais de quatro mil vagas de acolhimento em novos vinte Centros Temporários de Atendimento.

A voluntária e fundadora do Clube de Mães do Brasil reforça que ainda há muitas pessoas, igrejas e organizações não governamentais que atendem moradores de rua, mas o número exato não é conhecido. “Eles têm mais ou menos uma média de quanto um projeto atende. Mas, quantos moradores de rua têm que não vão para nenhum abrigo? Ninguém nunca veio perguntar aqui quantos moradores de rua nós atendemos. O censo é do lado de fora”, indigna-se.

Devido ao fato de ter vivido dois anos na rua, Maria conhece bem o problema. “Na minha época (anos 1970), não tinha tanta gente na rua. Hoje, a rua é muito voltada para a drogadição, para o desaconchego, distorção familiar”, explica. Ela relata que as pessoas que viviam em situação de rua eram aqueles que haviam perdido emprego, não tinham amigos, eram pessoas que não tinham dinhei-



Anderson Eduardo, 42 anos, mora na Praça Marechal Deodoro

ro para sobreviver e não tinham outra opção. Ela conta que a maioria dos moradores que atendem são pessoas que têm famílias, mas não querem recebê-las porque são dependentes.

Hoje, a população de rua é heterogênea. Segundo ela, a rua tornou-se, hoje, uma passarela onde ricos e pobres, intelectuais e analfabetos se nivelam pela droga. “A rua tem biólogo, dentista, advogado, engenheiro, professor, professora. A rua tem, de certa forma, microempresário, filho de grande empresário, enfermeiro, vendedor, doméstico”, destacou. Alguns optam por morar na rua, como é o caso de Anderson Eduardo, 42, que mora próximo ao metrô Marechal Deodoro. “Vivo na rua porque me sinto livre, posso fazer o que quiser”, conta.

Wanderlei Ferreira, 42, biólogo, vive em situação de rua desde 2014 e recebe ajuda do abrigo do Castelinho. “Primeiro teve falecimento de minha mãe e, daí me descontroléi com o álcool e acabou. Não consegui mais manter minha rotina”, desabafa. Viver na rua o expôs a todo tipo de situação. Ferreira recorda que correu o risco de morrer enquanto procurava espaço para dormir na época do frio. “Já me apontaram a arma na Praça da República”, declara. “Inverno é um grande problema porque tem até roubo de cober-

tor. Inclusive, à noite, muitas pessoas utilizam cobertor para botar fogo”, conta.

A Prefeitura disponibiliza ao público o telefone 156, da Central de Atendimento Permanente e de Emergência, caso algum morador em situação de rua esteja sofrendo com o frio. A Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social vai ao local e convida a pessoa para abrigos.

Também Hermógenes Dias Santos Neto, 50, que vive há 25 anos em situação de rua ao redor da Vila Mariana, disse que enfrenta frio e fome. Ele diz que a rua é um grande teto, e que pessoas que moram ali não são todas más: são apenas pessoas que estão sujeitas a todo tipo de dificuldade. “A pior dificuldade que a gente tem no inverno é quando tem que pensar em escolher o espaço para poder dormir. Tem também as opressões, os riscos que a gente conhece. Eu conheço companheiros que foram queimados vivos. Muitas pessoas deixaram uma pessoa que estava sofrendo hipotermia, no frio, e a pessoa foi deixada ali. E conheci pessoas que tentam amenizar essa situação bebendo, usando droga”, revela.

Abrigos

O vigário episcopal do Povo de Rua, padre Júlio Lancellotti, lamenta o crescimento da população que vive em situação de rua. O sacerdote, defensor dos Direitos Humanos, alerta para a falta de abrigos suficientes para moradores de rua na estação mais fria. “O número de pessoas sempre é maior do que a disponibilidade de acolhimento. E o acolhimento nem é sempre adequado. Não há

abrigos nem em quantidade nem qualidade, nem em necessidade, pois há casais, casais com filhos, pessoas idosas”, alega.

Segundo ele, os abrigos que existem funcionam como sistema de prisão de semiliberdade: ou como campos de refugiados ou como um depósito de gente. “É muito grande, muito numeroso, não tem atendimento personalizado. Na cidade existem vários abrigos que são mantidos em convênio da Prefeitura com várias entidades, mas eles nunca atingem o número total de pessoas que estão na rua. Sempre o número de pessoas de rua é maior do que o de vagas disponíveis”, lamenta.

Júlio Lancellotti atribui o crescimento da população em situação de rua à crise econômica do País e ao aumento do desempre-

go. Ao mesmo tempo alerta que o número vai crescer mais por conta da política socioeconômica. “Enquanto nós vivermos o sistema neoliberal, o descarte não acaba”, afirma, referindo-se aos ensinamentos do Papa Francisco. “A solução é apenas mudar o sistema”, reage. O sacerdote reforça a necessidade de uma resposta urgente para que a família fique junto, pois isso faz com que aumente o número de pessoas em barracas e barracos improvisados espalhados pela cidade.

Em 2019, ainda não há políticas públicas necessárias para integrar os moradores de rua à sociedade, fato que agrava a exclusão social. Enquanto isso, o futuro de Wanderlei, Anderson Eduardo, Hermógenes e de tantos outros que vivem nas ruas de São Paulo continua incerto.

DIAGRAMAÇÃO: IVES FERRO



Morador de rua pede ajuda na Praça Marechal Deodoro

O negro sobrevivente da sociedade

Taxas de mortalidade de jovens negros por suicídio e homicídio só aumentam

MICHAEL FONSECA

O racismo ainda prevalece no Brasil. Faz apenas 131 anos que o país deixou a escravidão e as consequências desse atraso podem ser vistas nos tempos de hoje. Os negros sofrem muito na sociedade, mais especificamente o jovem negro. Ele é o que mais carrega os traumas desse passado sombrio, vulnerável na sociedade, em questão de segurança, saúde mental e emprego.

Segundo o Atlas da Violência 2018, a cada 100 vítimas de homicídios no Brasil, 71 são negras, com um crescimento de 23% de 2006 a 2016. A pesquisa revela que a faixa etária que mais morre é o jovem negro, de 15 a 29 anos: um a cada 23 minutos. Além da taxa de homicídios ser alta, o homem jovem negro também é o que mais morre por suicídio. A pesquisa “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016”, do Ministério da Saúde e da Universidade de Brasília, mostra que o homem negro (entre 10 a 29 anos) morre 50% a mais comparado com brancos e seis vezes a mais que a mulher negra.

Matheus Cruz, 20, é estudante de Direito. O que o diferencia da maioria é sua cor, mesmo os negros sendo a maior parte da população brasileira. Sua história com o racismo começou cedo. Ele lembra que, na sétima série, chorava todos os dias por causa de preconceito. Na sua sala só havia ele e mais outro menino negro, que na segunda metade do ano pediu transferência.

Sete anos depois, acredita ter superado isso, mas ainda reconhece que precisa ser forte e evitar algumas coisas, já que os preconceitos existem também de forma velada. “As pessoas soltam algumas frases que elas não percebem que têm preconceito, mas eu consigo sentir”, conta. Matheus recorda que,

em seu trabalho, após cortar o cabelo que antes deixava black, sua coordenadora comentou na frente de todos que com aquele cabelo ele tinha uma cara de relaxado. “E eu não soube o que fazer, só continuei o meu trabalho”, relata.

Seu desafio diário não para por aí. Seu trajeto começa de manhã quando vai para a faculdade. Ele pega um trem e um metrô que dá em média 40 minutos, depois segue a pé para o trabalho, já que os dois locais ficam no bairro da Liberdade. Na volta, leva uma hora. Em uma dessas viagens, conta que, no metrô cheio, conseguiu sentar em um lugar que estava vazio ao seu lado ninguém sentou. “Eu me senti naquele momento à parte da sociedade”, lembra.

Saúde mental

O racismo pode causar problemas além do social, na saúde mental do negro. Como explica Diogo Silvino, psicólogo negro que trabalha com estes jovens, “o racismo pode levar à ansiedade e até crises piores, como ataque de pânico”. Diogo explica que esse transtorno pode levar a pessoa a ser mais controladora, já que ela tenta sempre antecipar as coisas para evitar novos traumas.

O racismo pode afetar a rotina e a saúde mental do jovem. Isso pode levar com que ele se sintam sem valor, subjugado e sem importância, comenta Diogo.

“Esse problema pode ser contornado a partir do momento em que a gente começar a repensar nossas estruturas sociais”, acredita o psicólogo. Para ele, um dos principais motivos dos jovens negros terem mais problemas psicológicos é a falta de mobilização da esfera pública, pois a falta de educação, saúde e segurança são comuns na vida desses jovens. É preciso um “espaço acolhedor” e mudar essa cultura que incentiva o

racismo.

Jovem negro e gay, Gabriel Arcanjo, 19, luta todo dia contra a sociedade, quebrando padrões sobre a masculinidade. Morador de Diadema, desloca-se todos os dias para o bairro da Lapa, onde trabalha de domingo a domingo em central de telemarketing e estuda produção de moda. Ele sai de casa às 8h e só chega depois da meia noite.

Como a maioria dos negros, Gabriel, em muitas situações, se sente em desvantagem em relação aos outros. No seu curso, há termos que ele conta que não entende, mas os alunos brancos, que tiveram suporte e bom ensino, já entendem. Essa desvantagem não é de agora: bailarino há treze anos, lembra que já perdeu papel principal por ser negro.

Matheus já sofreu racismo por causa do seu cabelo. Aos 17, quando trabalhava como recepcionista em um hospital, pediram que ele cortasse o cabelo por não “representar o hospital”. Mesmo com isso, ele sabe a importância de se manter firme. “Meu corpo é 24 horas um ser político. Ser um ser político sobrecarrega”, ressalta. Ele acredita que é muito mais do que se posicionar. “Por mais que já tivesse minha consciência racial estabelecida, ou trabalhava e tinha o meu dinheiro, que precisava naquela época, ou eu militava”, descreve.

Marcos Martinez, sociólogo, acredita que ainda no mito da democracia racial. O sociólogo Florestan Fernandes, em suas obras, falava que por causa da mistura de raças no país esse mito foi instalado. “Os assuntos mais profundos não foram discutidos com plenitude”, complementa Martinez. Isso impede a compreensão da causa, tornando a sociedade mais racista. Para Martinez, é preciso empatia da sociedade e do jovem.

ÓBITOS POR SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS NEGROS DE 2012 A 2016

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - 2018

3,097

Em 2012, foram registrados 3.017 mortes por suicídio em jovens. 3.097 em 2016.

JOVENS E ADOLESCENTES MORREM POR SUICÍDIO



De 2012 a 2016, a proporção de suicídios entre negros aumentou em comparação às demais raças, subindo de 53,3% para 55,4%.

A CADA 10 JOVENS

Em 2016, a cada 10 suicídios em adolescentes e jovens seis ocorreram em negros



No ano de 2016, a cada 100 suicídios em homens jovens brancos, ocorreram 150 suicídios em negros. Isto mostra que no ano de 2016, o risco de suicídio foi 50%

Na população negra, a cada suicídio em mulheres ocorreram, em média, seis em homens



Michael Fonseca



Matheus acredita ter superado alguns traumas

Por Michael Fonseca e Thalia Lins

“Hoje em dia nós vivemos uma geração extremamente individualista”, explica. O papel do jovem para reverter tudo isso é lutar para defender os direitos, o espaço já conquistado e exigir mais. Martinez ainda comenta a importância dos movimentos negros para unir os jovens.

Matheus e Gabriel não se conhecem, mas dividem o mesmo sofrimento com outros milha-

res de jovens negros em todo o mundo. Com o pensamento em preservar essas vidas, a ONU conta com a campanha “Vidas Negras”, em que no mês da Consciência Negra promovem-se reflexões sobre o tema. Em nível nacional, o Plano Juventude Viva pretende reduzir em 15% as mortes com ações de combate à violência.



Itens que Carmem Izabel guarda por remeter à memória de sua filha

A luta para encontrar jovens desaparecidos

O drama de familiares que ainda aguardam notícias de seus filhos

WALLACY FERRARI
BIANCA TRACANELLA

“Saudade a gente sente, né? O maior problema para mim é psicológico: eu não falo pra você de uma moça, eu falo pra você de uma menina. Para mim, essa menina não cresceu. Como que ela cresceu e eu não vi?”, indaga Carmem Aparecida Izabel, 50, que enfrenta há 7 anos o drama de aguardar por uma informação válida sobre o paradeiro de sua filha Larissa Izabel Heymer, desaparecida em 2011, após ir à escola, na zona norte de São Paulo.

Larissa foi uma das 786.071 pessoas desaparecidas no Brasil entre 2007 e 2017, de acordo com um estudo recente realizado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). “A busca imediata não acontece. Fazer o boletim de ocorrência, eles fizeram. Eu gostaria de ter visto eles [polícia] saindo. Se as primeiras horas são primordiais, eles deviam ter

feito isso”, manifesta Carmem em relação aos serviços públicos de auxílio às investigações e amparo aos familiares.

Wilson Sousa Valença, 38, passou pela mesma angústia em um caso semelhante, quando sua sobrinha, Jennifer de Sousa Monteiro, 17, esteve desaparecida em 2016, aos 15 anos. “Ela deixou um bilhete, achava que a mãe não a deixava sair, não dava liberdade. Decidiu ir morar com um rapaz. É traumático o desespero”, conta o tio. A resposta veio com um rastreamento policial ao número do rapaz, que convenceu Jennifer a voltar: “No âmbito familiar, resolvido. Mas eu ainda não tenho boas lembranças, é uma seqüela que fica, muito abrupta, muito inconsequente. Hoje a informação está aberta pra todo mundo, tem muito mais do que na minha geração. O jovem não pode ter a ilusão de que, saindo de casa, ele irá se livrar de todos os problemas. Todas as famílias têm problemas

iguais ou piores”, conclui.

No caso de Marcio Paulino Alves, 53, o desfecho foi trágico: após levar a filha Rayane Paulino Alves, 16, para uma festa em Mogi das Cruzes, não conseguiu retorno da mesma e iniciou as buscas. Após 7 dias, Rayane foi encontrada morta em um mata-gal em Guararema, com sinais de violência sexual. “Eu conheço minha filha, ela sempre me mandava foto e dizia como ela estava. Então não foi normal o sumiço dela. Assim que notei o comportamento diferente, fui correndo tomar as providências”, contou Marcio, em entrevista por telefone.

O caso, que teve repercussão nacional, expôs a situação da família nas redes sociais. “Eu acredito que hoje tem muitas pessoas bem-intencionadas, que querem ajudar, mas também houve muitos comentários maldosos. Houve até uma mentira, associaram Rayane com uma menina de calça listrada. Eu estava com ela e ela estava de jeans. Pegaram disso e fizeram fake news”, afirma o pai.

Desde o começo do ano, o Ministério dos Direitos Humanos tirou do ar o site do Cadastro Nacional de Pessoas Desaparecidas, sem previsão de retorno, com a justificativa de que seu banco de dados não era atualizado e gerava gastos aos cofres públicos. Sem o portal, a propagação da imagem e informações de desaparecidos se torna mais difícil. “Eu tinha espalhado cartazes pela região [distrito de Brasilândia], mas o pessoal tira. Quando

não são os moradores é o próprio serviço de limpeza da prefeitura. Nem os cartazes de desaparecido a prefeitura permite. Desde 2011 até hoje, eu já fiz vários tipos de busca. A gente sempre está deixando os panfletos em regiões diferentes: Campinas, Araraquara, Americana, Limeira, interior”, revela Carmem, mãe de Larissa.

Restaram apenas os serviços de assistência dos estados e municípios, como os serviços prestados por Darko Vieira Cristiano, apelidado de Hunter, caçador em inglês. Ele é o chefe de investigação social na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo, e registra os casos no data-base da capital. Caso haja compatibilidade das características do desaparecido com a da busca, é ele quem coordena o reencontro. “Tivemos que desenvolver um sistema que realmente registrava as características dos desaparecidos, coisa que não tinha há 6 anos atrás”, como contou Darko, que já promoveu mais de 3 mil reencontros.

Carmem critica a falta de um sistema interligado com outras agências de investigação. “Ela estava com 1,63 mais ou menos, super altona, magrinha, ela era linda. Por isso, às vezes, eu acho que ela foi levada pra outro país sim, nesse negócio de tráfico de pessoas. E como eles não têm essa integração de comunicação de dados, não têm como descobrir”, indaga Carmem.

Os altos índices de desaparecimentos no Brasil não envolvem 82.684 registros somente em 2017, sendo mais de 25 mil no Estado de São Paulo, de acordo com os dados do CICV. Em âmbito de comparação, os

números do Centro de Memória Histórica da Colômbia, entre 1958 a 2017, registrou pouco mais de 82 mil casos de desaparecimento em 59 anos no país. A pesquisa foi publicada em agosto e encomendada para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2018, com um dado surpreendente: 17% dos brasileiros têm algum amigo ou familiar desaparecido.

O dado oficial mais recente do Estado é de 2016, do Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos (PLID) em parceria com o Ministério Público, que revelaram 9.552 casos não solucionados, sendo 4 em cada 10 casos, de menores de 18 anos. Entre 12 e 17 anos, faixa etária que corresponde à adolescência, são 33% dos casos registrados. Os motivos mais comuns para o desaparecimento de jovens são os conflitos familiares, seguidos do consumo de drogas, tráfico de seres humanos (exploração sexual e escravidão) e até mesmo tráfico de órgãos, de acordo com o PLID.

De acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), assim que o órgão competente for notificado sobre o desaparecimento, deve comunicar os portos, aeroportos, rodoviárias e a Polícia Federal. As horas iniciais após o sumiço são as mais importantes, por isso, em casos de desaparecimento de crianças e jovens, não é necessário aguardar 72 horas para realizar um boletim de ocorrência. A lei no 11.259/2005 assegura a busca imediata, assim que o registro for feito.

DIAGRAMAÇÃO: PAMELA ASSUNÇÃO E SARAH RODRIGUES



Banner de divulgação do desaparecimento de Larissa

Foto: Sebastian Ter Burg/Reprodução Flickr



Wikimedia Hackathon 2013 em Amsterdam

Tecnologia para benefício social

Hackaton tem se espalhado pelo Brasil ao desenvolver ideias inovadoras

ADNA MATIAS
JÉSSICA ROSA

Informar amigos que você está a salvo depois de uma catástrofe, gerenciamento de aluguel compartilhado ou serviço de encomenda voluntária são exemplos de ideias que viraram projetos dentro dos Hackathons. As maratonas de tecnologia, criadas em 1999, nos Estados Unidos, receberam este nome por desafiar hackers a desenvolver códigos que melhorem o sistema ou produto escolhido.

Empresas como Google, Facebook e Globo tentam introduzir a cultura hackathon

no país. A prática potencializa ações que integrem tecnologia a projetos mais complexos e se tornam cada vez mais requisitadas, especialmente nos setores de inovação das principais instituições.

A Campus Party Brasil, com sede em São Paulo, e a Angelhack, com sede no Vale do Silício, Califórnia, são as principais organizadoras dessas maratonas no Brasil e no mundo. Para Fernando Tomé, embaixador da Campus Party e da Angelhack, hackathons são uma jornada de educação experiencial, em que participantes têm a oportunidade de criar um protótipo a partir de uma ideia.

Os quatro amigos Ian Oliveira, 20, Jean Paul, 28, Jairo Iglesias, 29, e Emerson Silva, 29, criaram a Spark, consultoria que busca a transformação digital a partir dessa metodologia. Juntos fizeram quase 100 participações em eventos. “Se a gente trabalha durante 36h [nas maratonas], e geralmente trabalha 40/46h em uma semana, a gente está trabalhando uma semana em 2 dias. Quando a gente faz Hackathon isso aprimora bastante o que a gente tem para o mercado”, declara Ian.

Kamila de Fátima, 21, já participou de dois hackathons e ganhou uma das edições ao

desenvolver um tradutor de libras para auxiliar deficientes auditivos em consultas médicas. O aplicativo apresenta vídeos com falas e libras por meio da pesquisa de palavras-chave. “A gente aprende a trabalhar em equipe com pessoas que têm conhecimentos diferentes e num prazo bem curto”, explica.

Além da troca de experiências e incentivo ao empreendimento, nos hackathons, a chance de conseguir um patrocínio, dar continuidade a um projeto e ter a possibilidade das ideias transformadas em negócios, são reais. “Conheço gente que a partir de um hackathon montou uma startup, teve contato com a parte de mentoria, grandes executivos que levaram oportunidade de emprego para esses participantes” afirma Fernando.

Social

Projetos sociais também são beneficiados com a modalidade. A Campus Party, por exemplo, atua em diversas cidades do Brasil em conjunto com as principais empresas e governos. “Um time com diferentes habilidades

faz um trabalho melhor, quem trabalha com tecnologia pode ser bom em desenvolver o sistema, mas ele vai ter que desenvolver para as pessoas”, avalia Fernando Tomé.

“Um time com diferentes habilidades faz um trabalho melhor. Quem trabalha com tecnologia pode ser bom em desenvolver o sistema, mas vai ter que desenvolver para as pessoas”

Fernando Tomé

possível criar uma comunidade mais forte e um marketing mais consciente, por isso, a contratação dos serviços está atrelada ao financiamento de um dos seus projetos sociais, entre eles, a organização de hackathons que estimulam estudantes a criarem soluções inovadoras que causem impacto social.

DIAGRAMAÇÃO: MARINA COSTA



Nina Silva, executiva de TI, em palestra na Campus Party 2019

Inimigos do espelho

Secretaria de Estado da Saúde revela que 77% das jovens de São Paulo estão propensas ao desenvolvimento de distúrbios como anorexia ou bulimia

**POR KARINA COSTA
LETICIA ASSUNÇÃO**

Samara Crisley, 24, tinha baixa autoestima e dificuldades em aceitar o corpo. “Ficava até 3 dias sem comer e para não sentir dor comecei a tomar remédios tarja preta da minha mãe. Meu pai teve que fazer um baú com chave pra trancar e esconder. Emagreci 15 kg em 3 meses. recorda. Com isso, começou a tomar vitaminas para engordar até conseguir voltar ao peso normal.

Na anorexia existe uma preocupação exagerada com o peso ideal e dietas mirabolantes. Em pessoas que sofrem com a bulimia o que chama atenção não é o baixo peso, mas, quando comem comidas com alto teor calórico, sentem-se culpadas e começam a provocar o vômito, tomar laxantes e praticar atividades físicas de forma exaustiva.

O psiquiatra e professor da Universidade Federal de Brasília, Raphael Boechat, adverte que de 5% a 18% dos pacientes vítimas de anorexia morrem e



Arquivo pessoal

Atualmente, Samara luta para conseguir manter seu peso ideal

na bulimia pode evoluir para um câncer do esôfago em decorrência dos vômitos induzidos.

Talia da Silva, 21, sofreu com anorexia durante 4 anos. Quando tinha 17, chegou a pesar 30kg. “Jogava comida fora, enganava meus pais falando que havia me alimentado, mas na verdade não tinha comido nada o dia todo. Muitas vezes só tinha ingerido bala e água o dia inte-

ro”, completa.

Tanto na anorexia, quanto na bulimia, um dos sintomas mais graves é a depressão. Thyelle Fernanda, psicóloga, alega: “É um problema de autoaceitação”. Com 21 anos, Samara teve uma recaída, entrou em depressão, anorexia e desnutrição. “Dessa vez perdi 18 kg em pouco menos de 3 meses”. Hoje, com 24

anos ainda não consegue ter uma boa relação com o corpo. “Nos últimos 8 meses comecei a sofrer com bulimia, sentia fome e comia, mas logo em seguida ia ao banheiro enfiar o dedo na garganta”, detalha.

Segundo a Divisão de Psicologia do Hospital das Clínicas, o índice de pessoas que mais sofrem com anorexia e bu-

limia são mulheres na faixa etária de 12 a 20 anos.

Oswaldo Farias, 22, sofreu com o distúrbio. “Na adolescência, você busca incansavelmente um grupo social. Desde sempre fui considerado o viadinho estranho da turma, porque eu tinha língua presa e não tinha o padrão de beleza”.

Para perder peso rápido, usou cocaína. “Comecei usando droga, pois cheirar emagrece”. Com medo de engordar teve época em que sua refeição era lasca de pão e um copo de leite com algodão. “Quando abusava comia duas fatias de pão”, completa. Se não estava dormindo, estava vomitando. “Parei de estudar por um ano, quando me toquei: ou eu me tratava ou morria”, confessa.

Hoje em dia, Oswaldo não pode se descuidar. “A bulimia sempre vai estar comigo. Tem dias que olho no espelho e não me aceito, é um longo processo, a dor que você sente por não ser aceito irá passar e você vai conseguir seguir em frente”, acredita.

Albinos sofrem com preconceito

Há apenas dois postos de atendimentos para a condição genética em todo o país

**ANGÉLICA PEREIRA
MARILIA GOUVEIA**

O albinismo é uma condição genética, caracterizada pela ausência total ou parcial da enzima tirosinase, envolvida na síntese da melanina, que confere cor à pele, cabelos, olhos e pelos, além de funcionar como agente protetor contra os raios ultravioleta do sol. Quanto menos melanina for sintetizada em uma pessoa, maior será o risco de ocorrerem queimaduras pelo sol e câncer de pele. Por este motivo, é necessário que os albinos tenham cuidado redobrado com a pele, com o uso de produtos dermatológicos diários e acompanhamento médico.

Além disso, todos os portadores de albinismo apresentam comprometimento da visão provocado pela falta de melanina, proteína fundamental para o desenvolvimento dos olhos e anatomia dos nervos ópticos, que levam a imagem para ser decodificada no cérebro.

Hoje não existe nenhuma estatística no Brasil que aponte o número de albinos na população, assim como nenhuma política pública que os auxilie diretamente. A ONU possui

importante papel denunciador contra os crimes direcionados às pessoas albinas. A organização oferece auxílio na luta e proteção para as vítimas dos ataques e perseguições. No início de 2019, em Malauí, na África, foi registrado o sequestro de um bebê albino para retirada dos órgãos. A região acredita que os albinos possuem poderes místicos envolvendo sua pele, ossos e órgãos. Por conta disso, os especialistas da ONU pediram ações urgentes para as autoridades sobre o caso que, infelizmente, não é isolado.

Roberto Biscaro é professor de inglês e literatura, ativista da causa dos albinos e possui um blog chamado “O Albino Incoerente”, onde escreve sobre diversos assuntos. “O bullying e os olhares curiosos são rotina para uma pessoa com albinismo. A falta de informação, inclusive entre profissionais da área de saúde, leva a concepções errôneas e às vezes até meio supersticiosas, que podem fazer com que se exija coisas que uma pessoa albina não é capaz de fazer”, relata Biscaro.

Como forma de amenizar os impactos, existem hoje duas instituições no Brasil que

cuidam dos albinos, o Projeto Pró-Albinos (SP) e a APALBA (BH). O Pró-Albinos é o que mais atende pacientes e grande parte já chegam até o local com casos graves de câncer de pele. Carolina Marçon, coordenadora do projeto e dermatologista, diz que a chance destas pessoas desenvolverem câncer de pele a partir dos 47 anos é muito alta. Em 2017, o número de pacientes atendidos passava de 200.

A ideia do projeto da Santa Casa foi idealizada pelo oncodermatologista Marcus Maia, em 2010, o foco principal é de reunir profissionais da saúde, com foco em dermatologistas e oftalmologistas. A APALBA - Associação das Pessoas com Albinismo na Bahia - realiza um trabalho semelhante ao da Santa Casa. Esta organização teve início em 2001 a partir de 19 pessoas do SINTSEF - Sindicato dos Servidores Públicos Federais.

Em meio a tanto descaso, Samuel Sollar encontrou na arte uma forma de falar sobre o albinismo para o mundo. Em seu perfil no Instagram, ele expõe a importância da conscientização do albinismo e acessibilidade de quem vive com essa condição



Johnny Moraes

Samuel Sollar em ensaio para Vogue

genética. “Ser um homem albino me faz enxergar a realidade de outra forma, pois pertencço a uma minoria desprovida de qualquer tipo de políticas básicas de acesso e inclusão. A arte, de certa forma, potencializa os meus discursos que são centrados na

naturalização do corpo albino (...) ela se instaurou para mim como um campo passível de mudanças e esse é o meu intuito, levar o albinismo para a luz”, comenta Samuel.

Morte de abelhas gera alerta

Abelhas são responsáveis por 80% da polinização, mas uso desenfreado de agrotóxicos ameaça espécie de extinção

NÁGILA PIRES

As abelhas são fundamentais para o equilíbrio do meio ambiente, para economia e a manutenção da vida. Esses insetos realizam o processo de polinização, conhecido pela transferência do pólen feminino de uma flor para a parte masculina da mesma ou de outra flor. Apesar da polinização ser também realizada pela água e pelo vento, as abelhas são responsáveis por 80% do processo.

Segundo o 1º Relatório Temático de Polinizadores, Polinização e Produção de Alimentos no Brasil – 2019 a polinização é essencial para 35% das culturas analisadas, 24% delas têm uma dependência alta, em 10% a dependência é modesta e pouca para 7% das plantas. Além disso, segundo o relatório, o serviço ecossistêmico prestado pelos insetos polinizadores contribuiu com R\$ 43 bilhões para a economia em 2018.

Há muitas espécies de abelhas, mas as tradicionalmente conhecidas são as abelhas europeias e africanas. Não há uma diferença estética entre uma e outra. A africana, por exemplo, é caracterizada pela sua agressividade. Segundo o biólogo Tony Manzi, 44, há uma explicação para o comportamento desta espécie. “acredita-se que esse comportamento foi adquirido por tudo que essas abelhas sofreram no continente africano por conta da forma primitiva de extração do mel. Isso deixou a espécie agressiva e foi perpetuado geneticamente”, explica.

Além dos insetos serem fundamentais para o meio am-



Fotos: Banco de imagens

Morte de abelhas pode estar diretamente relacionada ao uso de agrotóxicos

biente, eles geram lucros para a economia. As abelhas são produtoras do mel, geleia, própolis e cera. A apicultura, criação de abelhas para fins industriais e lucrativos, é geradora de empregos. A APACAME (Associação Paulista de Apicultores Criadores de Abelhas Melíficas Europeias) tem como intuito reunir apicultores com o propósito de promover a difusão e o melhoramento da apicultura no âmbito nacional. Para Elói Viana, tesoureiro e apicultor da ins-

tituição, apesar de a abelha ser produtora de diversos produtos, ela não está no meio ambiente para realizar essas funções, mas principalmente produzir alimentos. “A abelha não está aqui pra produzir mel, cera ou geleia real. A abelha está aqui para produzir alimentos, por esse motivo ela é tão importante. A abelha é responsável por 78% do que comemos no mundo”, explica o apicultor.

Riscos

O aquecimento global, a poluição, a redução do habitat e, principalmente, a utilização inadequada de agrotóxicos contribuem para o declínio das abelhas. De acordo com estimativas da secretaria de apicultura e pesquisas realizadas em universidades do país, de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019 mais de 500 milhões de abelhas foram encontradas mortas em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Para Cristiano Menezes, 34, biólogo pela UFU e doutor pela USP, os motivos para o declínio de abelhas no Brasil são diversos, como o uso inadequado de inseticidas na agricultura, clandestinidade de agricultores, mudanças climáticas, além de briga entre apicultores que envenenam colmeias uns dos outros. “O relatório do governo afir-

mou que 75% dos casos foram por citronil, mas a quantidade do neocotinoide encontrada nas abelhas foi muito elevada. Isso indica envenenamento”, explica o biólogo.

Outro problema grave é a clandestinidade de agricultores no país. Ele enfatiza a importância de regulamentações e certificados dos profissionais do setor, assim, a fiscalização do poder público evitaria mortes em massa das abelhas. “Agricultores e apicultores precisam respeitar as leis. Tem regras para evitar problemas assim”, enfatiza.

Halina Olhier, 42, bióloga, acredita que o poder público tem papel fundamental. Para ela, a falta de informação sobre o uso de agrotóxicos é fator importante para o uso inadequado. “São necessárias cartilhas que expliquem para o agricultor, apicultor e a população como devem ser usados os defensivos agrícolas. Como também um telefone para a população fazer denúncias quando a lei for descumprida”, conclui Halina.

A A.B.E.L.H.A (Associação Brasileira de Estudo das Abelhas) foi criada com o objetivo de conservar insetos polinizadores, além de promover

a biodiversidade e estabelecer harmonia entre a agricultura com as abelhas. Ana Lúcia Assad, 60, diretora da instituição, acredita “na possibilidade da coexistência entre a agricultura e o meio ambiente. Usar boas práticas como a regulamentação de agricultores e apicultores e plantio de corredores ecológicos são possíveis soluções para o problema.”

Tony Manzi explica a importância da preservação. Ele define o processo de polinização como o equilíbrio de ecossistemas. Para o professor, com a polinização de plantas se tem flora e, consequentemente, produção de energia. A consequência é a alimentação de animais e seres humanos. “Por conta da polinização há um equilíbrio ecológico de ecossistema. O processo faz interação de todos os seres vivos, de toda a cadeia alimentar”, explica. Atualmente, 80% da flora necessita da polinização. Assim, a extinção das abelhas irá atingir todos os seres vivos.

“78% dos alimentos são produzidos através da polinização das abelhas”

Elói Viana



Bem vindo à era dos chatbots

Cada vez mais, robôs imitam linguagem humana com respostas em tempo real

GABRIELA ROCHA
INGRID SALES

Você precisa resolver um problema e fica por horas aguardando um atendimento. Às vezes, precisa apenas de uma informação e, ainda assim, é obrigado a aguardar. Na maioria das vezes, será via telefone, isso se a alternativa não for resolver pessoalmente. Dando novos significados ao atendimento a clientes e outros serviços, o chatbot é uma inovação para o consumidor, prometendo economizar um recurso escasso da modernidade: o tempo.

Os chat robots ou robôs de chat são softwares que simulam a fala humana e são capazes de bater papo com os usuários dentro de aplicações de mensagens e sites de empresas. Bancos, seguradoras, indústrias automobilísticas, linhas aéreas, entre outras, têm investido neste tipo de solução. Segundo Moacyr Piorino, gerente de projetos da E. Life, empresa de consultoria em gestão de relacionamento digital, “a ferramenta em si já vem da ideia de automatizar qualquer tipo de fluxo de trabalho. O humano atentará mais para o qualitativo do que para o quantitativo. Quem vai trabalhar a quantidade é o chatbot e não o humano”.

Os robôs são treinados por profissionais – que já estão assumindo cargos e criando equipes para atender a estas novas demandas – que criam regras ou utilizam a Inteligência Artificial para que o cliente seja respondido corretamente. A ideia é que a conversa seja breve e direta, a qualquer horário, 365 dias. Para os clientes, significa acessar informações a qualquer momento com alguns cliques. Para as empresas, significa ter a seu favor algo que trabalhe por longos períodos, sem se preocupar com contratação de funcionários.



Divulgação

Grande parte das empresas recorrem ao atendimento online para entrar em contato com o seu cliente

Futuro

Uma pesquisa de nível mundial encomendada pela multinacional Amdocs, empresa de softwares e serviços, entrevistou mais de 500 brasileiros que utilizam chatbots e constatou que, se os clientes tiverem opção, 82% deles irão preferir a conversa com uma pessoa de carne e osso.

Cassiano Maschio, diretor nacional de marketing da Iben-ta, empresa especializada em Inteligência Artificial e Chatbots, diz que a ferramenta possui a função de dar aos clientes respostas rápidas e simples. “O ‘bot’ substitui uma parte dos atendimentos operacionais que são muito simples de resolver. Os complexos ainda precisam

de uma equipe humana”, afirma o diretor.

Como toda novidade, ainda há desconfiança na efetividade de seu funcionamento e se estes robôs podem realmente fazer as vezes dos humanos. Questões como sentimentos e a forma de falar ainda são desafios para os chatbots e nem todos os clientes gostam da sensação de serem ajudados por uma máquina.

Visando mudar esse quadro, áreas estão sendo criadas dentro das organizações para que essa semelhança seja cada vez maior. Águino Silva é linguista de chatbots (também chamado de UX Writer) em uma grande seguradora brasileira, e trabalha justamente para isso: deixar o robô cada vez mais familiar

e com diálogos acolhedores. A expectativa é que o cliente sinta cada vez menos que quem está lhe atendendo é uma máquina.

O UX Writer afirma que seu trabalho “é fazer uma curadoria. Começo a analisar o que o cliente fala para o ‘bot’ e que não é entendido e se a gente precisa cadastrar mais assuntos ou criar uma persona, se precisamos criar um melhor formato de fala, um tom de voz, entre outros”.

Ainda sobre as características humanas consideradas essenciais pelos consumidores, Sérgio Gama, um developer advocate da IBM América Latina, destaca as tecnologias utilizadas pela empresa, “temos serviços de entendimento de emoção, se o texto [do usuário] mostra alguma sensação, do tipo: está angustiado, está nervoso, está feliz... que é uma questão da linguística”.

A IBM é uma das maiores empresas de tecnologia do mundo e está empenhando esforços para os robôs de chat. Se você já utilizou a robot BIA do Bradesco ou já solicitou serviços por meio do chat no site do Poupatempo, está utilizando a tecnologia Watson, uma das plataformas mais conhecidas da companhia.

De acordo com Cassiano Maschio, “sumirá o operador de Call Center ou, no mínimo, irá reduzir muito, porque boa parte das coisas pouco complexas serão resolvidas por ‘bots’”. Sérgio Gama alerta que o pro-

fissional precisa se atualizar. “Cerca de 90% dessas pessoas terão que se reciclar. Então, qual a diferença do ser humano para a máquina, aliás? É a capacidade que a gente tem de se adaptar”, acredita.

Atualmente, há robôs de chat para vários fins, como a robô Fabiana Grossi, desenvolvida em uma parceria entre Facebook e Unicef. O objetivo é dar dicas para adolescentes que se tornaram alvo do “revenge porn” ou “pornô de vingança”. A reportagem testou o funcionamento da “Fabi” e conversou com ela por três dias. O bot possui tecnologia básica nas respostas, como se estivesse seguindo um roteiro de acordo com as palavras que recebe e proporciona uma experiência marcante.

Fabi é uma jovem de 21 anos, que está sentindo raiva e medo por ter sido vítima de exposição na internet. Seu ex-namorado divulgou um vídeo íntimo e o conteúdo se espalhou. Durante a conversa, ela relata toda sua angústia, diz não saber como contar aos pais ensina a fazer a denúncia na plataforma SaferNet para vítimas de casos semelhantes, sempre usando uma linguagem jovem e acessível, via textos e áudios. Quem dá vida às imagens e voz de Fabi é a atriz Kathia Calil.



Com o usuário “Fabi Grossi” o chatbot tenta alertar garotas sobre tentativas de abuso

DIAGRAMAÇÃO: LUÍSA PEREIRA E
MICHELLY LELIS

Delícias da gastronomia nordestina

Baião de Dois, acarajé e vatapá são os favoritos

GUILHERME PRADO
THALIA LINS

Sabores autênticos de pratos como a tapioca, o baião de dois e o vatapá são típicos da cozinha nordestina do País. Inserir estas receitas regionais pelos quatro cantos do Brasil ajudou o Nordeste e sua gastronomia a conquistarem o título de patrimônio cultural imaterial pela UNESCO, além de servir de referência na criação de outros pratos pelo mundo.

Com influentes toques da culinária africana, portuguesa e indígena, as comidas nordestinas são caracterizadas pelo sabor acentuado dos temperos próprios da região. Para a cozinheira Jacinta Maria, 53, essa culinária tem algumas peculiaridades. Ela conta que a paixão pela comida veio da infância. “Desde pequena, sempre gostei de cozinhar. Minha mãe trabalhava em outra cidade, e quando ela saía eu cuidava de fazer o almoço para os meus irmãos”. Hoje em dia, ela trabalha no

‘Mistura Nordestina’, restaurante na Zona Norte de São Paulo.

Já no bairro do Limão, há um lugar muito frequentado pelos amantes da cultura do Nordeste: o famoso Centro de Tradições Nordestinas (CTN). Erguido inicialmente como uma estação de rádio feita para tocar as músicas regionais, o CTN virou um ponto de encontro entre os migrantes. A inclusão de quiosques, bares e shows fez o lugar ganhar popularidade e tornar-se uma atração turística.

Dona Francisca testemunhou esse crescimento. Aos 71 anos, ela é a chefe de um dos restaurantes mais procurados da casa, o Cariri. Nascida na capital do Rio Grande do Norte, a cozinheira conta que veio para o Sudeste em busca de oportunidades de emprego. Ao chegar em SP, trabalhou por quase 30 anos numa empresa, mas foi só depois da aposentadoria que ela fundou o Cariri. “Me aposentei aos 49 anos. O restaurante veio só mais tarde, quando eu percebi que não conseguia ficar parada”, diz. Hoje, ela credita todas



CTN ganha popularidade e tornar-se uma atração turística

as suas conquistas ao negócio que ajudou a fundar.

Temperos da terrinha

O Cariri emprega cerca de 17 funcionários, cada um com uma história. Um deles é a Maria Aparecida, 40, também responsável pelos pratos. Ela concorda que a culinária nordestina é bastante apreciada. “O nordestino gosta da comida bem temperada, isso é uma marca nossa. Não acho que ela seja diferente das demais, a questão é que a gente não tem dó de usar”, brinca.

A cozinheira não hesita em

responder que o prato mais pedido é o baião de dois. “Ele é ‘carinho’ mas consegue servir várias pessoas. Eu e as outras meninas já até enjoamos de tanto que comemos, mas o pessoal que frequenta o Cariri vem sempre atrás dele”, conta.

Lara Fonteles, 22, concorda sobre o preço dos pratos e discorda em relação aos sabores. “Não costumo comer pratos nordestinos aqui em SP. Eu quase sempre me decepciono, a receita nunca é igual à original e os preços são muito altos”, explica. Lara nasceu no litoral do Piauí e mora em SP há nove meses.

“Os sabores e ingredientes de lá são muito diferentes e característicos do Nordeste”, afirma. Seu prato favorito é o vatapá, à base de camarão. “O que mais sinto falta são os ingredientes locais”, comenta.

A valorização da culinária nordestina está presente tanto nos temperos quanto como as receitas são preparadas. Cozinheiros paulistas, por exemplo, resgatam o sabor do Nordeste e lembranças por trás de cada prato vendido, além de possibilitarem que pessoas de outras regiões possam ter contato com os sabores autênticos da ‘terrinha’.

K.O entertainment

Kpop: A música da Coreia do Sul que cresce pelo mundo

Gênero musical junta fatores estéticos e sociais que o transformam em algo único

CAROLINA DE LIMA MIRANDA
ANNA CLARA AZEVEDO

O gênero musical K-pop é a abreviação do termo Korean Pop (música pop coreana), que surgiu nos anos 1990 na Coreia do Sul. Além do pop, é uma mistura de vários ritmos. Ele reformou a cena musical do país e se popularizou em todo o mundo, dando origem ao termo Hallyu (Onda Coreana). O formato conta com músicas agitadas, coreografias empolgantes e é formado por grupos. Seu estilo tem a intenção de chamar a atenção com cenários lúdicos e grandes performances. Segundo a Agência do Conteúdo Criativo da Coreia do Sul, essa indústria gera 4,7 bilhões de dólares (R\$16 bilhões) ao ano.

A produção da indústria de K-pop segue fielmente o lema Work Hard (trabalhar duro), que para a sociedade coreana é uma norma para o sucesso. O estudante Henrique Bessat, 25, par-

ticipou de um projeto no Brasil para criar um grupo nos moldes sul-coreanos. “Tínhamos que passar as coreografias mais de 500 vezes e ficamos um bom tempo comendo apenas frango branco e shake”, conta. Segundo o educador musical Denis Evangelista, 33, o sucesso do K-pop está ligado ao investimento das empresas. “Elas injetam um grande valor para que isso seja bem gravado, que os integrantes se apresentem com um visual bom e sejam direcionados para um determinado público”, diz.

O Brasil está entre os países que mais consomem material da cultura pop coreana, sobretudo SP. O impacto dessa cena musical dá origem a eventos dedicados ao tema “Comecei a trabalhar com produção cultural por causa do k-pop. A criação de um evento para dar representatividade aos jovens que usavam o espaço da CCSP e não eram valorizados foi o principal motivo”, expõe Lucas



Grupo cover de K-pop Beat U em apresentação no Centro Cultural

Jotten, 24, criador da K.O Entertainment, produtora desenvolvida para a realização de eventos voltados para o gênero. Os covers de K-pop passam seus finais de semana ensaiando as coreografias e mostram que ser cover, para muitos, virou profissão “Hoje virou mais que um hobby. Agora o grupo é um trabalho que temos que ter um compromisso maior”, declarou Douglas, 24, integrante do grupo cover Beat U.

Érica Imenes, especialista em K-pop, identifica os prós e contras. “A parte boa é a inspiração, ficamos sabendo de histórias de jovens que sofrem Bullying, que estão se descobrindo, e com K-pop ela acha uma direção. Esse ponto inspira as pessoas a traçarem metas e isso entra na parte do

Work Hard. Sobre a parte negativa, ao mesmo tempo que você se inspira nesse trabalho duro, você sabe que o mundo foi projetado para que poucas pessoas sejam bem sucedidas e alcancem seus sonhos, então às vezes pode ser muito nocivo esse Work Hard, por conta dos maus cuidados sobre saúde física e mental”, diz.

Crescimento

Após a crise econômica que atingiu a Ásia em 1997, a Coreia do Sul colocou seus investimentos de políticas públicas no setor que para ela era o mais viável, o cultural. O consumo do público da Hallyu vai além de músicas e novelas. A criação de um estilo de vida, impulsionada pelo fana-

tismo, leva à busca por produtos “É incrível mercadologicamente como isso (o kpop) se estruturou e como os produtos dão entrada e são descartados, num sentido de fazer o mercado econômico rodar”, diz Lucas.

Para além de uma saída apenas econômica, os investimentos nesse setor foram também voltados para a construção de um novo visual para a própria Coreia do Sul. Para Érica, esse gênero musical ainda está em ascensão: “Se por assim continuar e as agências e os artistas souberam se reinventar conforme o tempo, eu enxergo como uma grande potência dentro dos gêneros musicais populares”.

DIAGRAMAÇÃO: JESSICA SILVA

Aumenta a prática do basquete

Modalidade passa por evolução no país, com maior engajamento dos fãs

JONATHAN DOS SANTOS
WILLIAM REIS



Fãs do esporte na prática do basquete

No final dos anos 80 até hoje, o basquete foi se popularizando no país por meio da televisão. Na época das transmissões da TV Bandeirantes, vários craques eram vistos nas televisões brasileiras uma vez na semana. A NBA (National Basketball Association) sofreu uma mudança em quantidade de partidas exibidas e, atualmente, conta com transmissões em cinco dias da semana na temporada regular, exibidos pelos canais pagos SporTV e ESPN. Juntos irão televisionar aproximadamente 300 jogos na atual temporada.

A liga já conta com quatro lojas físicas e realiza eventos, como a Casa NBA. O aumento de transmissões e venda de produtos da NBA no Brasil não significa a ascensão do basquete brasileiro. Uma pesquisa realizada pelo IBGE mostra que o basquete é o 11º esporte mais praticado. “A falta de investimentos e a má gestão da CBB

(Confederação Brasileira de Basquete), em conjunto com os péssimos resultados da modalidade nas duas últimas décadas, são as principais causas para a decadência no número de praticantes do esporte”, avalia Ricardo Bulgarelli, comentarista da ESPN.

A ausência de referências

no esporte é mais um dos motivos para frear a evolução nos números de praticantes. Renato Mantovani, blogueiro da página Camisa 23, acredita que “o grande problema do basquete é a ausência de um ídolo, alguém que brilhe, não apenas atuando aqui no país, mas que vá para a NBA e se prove no mais alto nível”.

Esse cenário tem tudo para mudar. A NBB (Novo Basquete Brasil), criada em 2008, por clubes e federações, ajuda na popularização do basquetebol. Outro fator é o alto investimento da NBA no país, inclusive com a instalação do escritório da liga desde 2012, no Rio. Em comparação ao ano passado,

as emissoras SporTV e ESPN tiveram o acréscimo de 68% e 40% na audiência, respectivamente. Além do crescimento de 219% no número de downloads do aplicativo NBA League Pass, que transmite os jogos da liga ao vivo. Segundo dados do Ibope, pelo menos 21 milhões de brasileiros se declaram fãs do torneio. É o segundo centro mais rentável da marca fora dos Estados Unidos, atrás da China.

Rafael Lima do site Playmaker Brasil comenta sobre sua experiência na Jr.NBA League “Pude acompanhar no ano passado a convite da NBA Brasil. (O programa) despertou nas crianças um interesse instantâneo pelo basquete, e este ano está apenas na terceira edição, portanto, deve expandir e aumentar o interesse dos jovens, que são o segredo para o crescimento da modalidade. Se vamos chegar ao patamar de antigamente, eu não posso afirmar, mas o basquete irá crescer com ações como essas”, analisa.

DIAGRAMAÇÃO: ANA BEATRIZ

START

SUA EVOLUÇÃO

BOLSAS DE ATÉ 100%

Entre as Melhores Faculdades de Comunicação do Brasil (MEC)

<p>Jornalismo</p> <p>4 ANOS ENADE/2015 Premiações INTERCOM</p>	<p>Filosofia</p> <p>3 ANOS Bacharelado Reconhecimento MEC/2015 4 ANOS Licenciatura - Nota Máxima Reconhecimento MEC/2016</p>
<p>Rádio, Tv e Internet</p> <p>4 ANOS Renovação de Reconhecimento MEC/2017 Bacharelado</p>	<p>Fotografia</p> <p>2 ANOS Reconhecido MEC/2016 Graduação Tecnológica</p>
<p>Relações Públicas</p> <p>4 ANOS Renovação de Reconhecimento MEC/2016 Premiações INTERCOM, ABRP e ABRPCORP</p>	<p>Multimídia</p> <p>2 ANOS Reconhecido MEC/2016 Graduação Tecnológica</p>
<p>Publicidade e Propaganda</p> <p>4 ANOS ENADE/2015 Bacharelado</p>	<p>Audiovisual</p> <p>2 ANOS Renovação de Reconhecimento MEC/2019 Graduação Tecnológica</p>

FAPCOM

Mais que um nome,
CONTEÚDO.

fapcom.edu.br
0800 709 8707